

A mensagem de Bento XVI: o amor e a razão diante da pós-modernidade e na luta pela transformação da sociedade

O conjunto de textos apresentados a seguir procuram traçar, com base nas próprias palavras de Bento XVI, uma síntese introdutória de sua mensagem cultural e pastoral. Logo na introdução, se discute a questão do que é o mais importante para Bento XVI. Frequentemente se diz que esse papa está preocupado em restaurar a importância da Igreja, mas nesse discurso, o papa recoloca a questão nos termos que lhe parecem adequados: os cristãos devem preocupar-se com a “grandeza da fé”, mas essa grandeza não é uma posição de poder ou de influência cultural, mas sim a própria fé – o reconhecimento da presença amorosa de Deus no mundo.

Num mundo onde tradicionalmente as lideranças falam aquilo que é conveniente politicamente, e não aquilo que pensam verdadeiramente, existe um estranhamento natural na análise dos discursos de Bento XVI. Os discursos são sempre lidos a partir de suas implicações e de seus interesses escondidos, e não da objetividade de suas palavras. Mas, para entender o papa, deve-se partir do princípio que, antes de mais nada, ele diz aquilo que pensa e proclama aquilo que lhe parece o mais importante. Trata-se, verdadeiramente, de um líder espiritual falando da relação entre o homem e Deus, porque acredita que isso é o mais importante – ainda que seja necessário perceber que não existe aqui dicotomia entre individual e social, privado e público, interioridade e compromisso social.

A trajetória percorrida pelo conjunto dos textos parte da centralidade do encontro pessoal do homem com Deus, através de Cristo, e passa pelo debate da questão da razão na “pós-modernidade” e da percepção da plenitude do amor como doação de si ao outro. A penúltima parte apresenta o significado da pessoa humana na luta pela justiça social e pela paz e a última apresenta três aspectos básicos da experiência de cada pessoa durante sua vida: a juventude, a família, o escândalo do sofrimento e do mal.

Núcleo Fé e Cultura
Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo
fecultura@pucsp.br
fone (11)3670-8486

Sumário

INTRODUÇÃO

1. A busca do mais importante

A questão central para Bento XVI é que Deus ama a cada um de nós. Nisso consiste a grandeza do cristianismo. Tudo o mais é secundário, o que não quer dizer sem importância, mas que só pode ser compreendido a partir dessa experiência de relação com Deus.

O ENCONTRO COM CRISTO

2. O cristianismo nasce de um encontro

Uma das idéias mais recorrentes no ensinamento de Bento XVI é a do encontro com Cristo, evento místico e pessoal, onde a divindade se encontra com cada pessoa em particular.

3. O encontro com Cristo na Igreja

Esse encontro com Cristo, apesar de pessoal, não é intimista e subjetivo. Acontece na presença de uma comunidade humana concreta: a Igreja.

EXPANDIR A RAZÃO

4. O desejo da verdade

Na cultura atual, o agnosticismo, o relativismo e o desenraizamento vão em direção contrária ao anúncio cristão. A resposta a seus desafios é viver a beleza e a alegria da fé.

5. A razão e o livro da natureza

A própria capacidade humana de compreender racionalmente a ordem do Universo pode ser interpretada como um indício da presença de Deus no mundo. Contudo, essa percepção, no homem moderno, é obscurecida pelo escândalo do sofrimento e do mal.

6. Razão, amor e missão

A expansão da razão e o amor ao próximo são as bases da tarefa evangelizadora no mundo.

A DIMENSÃO DO AMOR

7. Eros e ágape: o amor é desejo e doação

A dimensão erótica, de desejo pelo outro, faz parte do amor humano – e como tal deve ser valorizada. Contudo, em sua maturidade o amor necessita evoluir, incorporando também sua dimensão de doação de si ao outro, para se realizar plenamente.

8. Na cruz, Cristo reconcilia justiça e amor

A justiça humana pede a punição daquele que erra, o amor pede que seja perdoado. A reconciliação entre esses aparentes opostos se dá na cruz de Cristo. Aqui, Deus se volta contra si mesmo, para permitir que o homem seja perdoado na justiça e no amor.

9. O amor nos abre para o “próximo”

Não é possível viver o amor a Deus sem amar o “próximo”.

UMA VISÃO INTEGRAL DE PESSOA

10. O desenvolvimento integral da pessoa e das sociedades

A síntese da mensagem social de Bento XVI: o amor nos leva ao compromisso com a transformação da sociedade, buscando um desenvolvimento integral da pessoa, que implica também em sua dimensão espiritual.

11. A pessoa humana, coração da paz

Num de seus pronunciamentos mais completos, o papa apresenta a relação entre pessoa humana, direitos humanos, paz e justiça na sociedade.

12. A bioética nasce da lei inscrita no coração do homem

As respostas às questões bioéticas não são deduzidas a partir de princípios abstratos, mas sim compreendidas a partir de um olhar sobre o “coração do homem”, isto é, daquilo que há de mais profundo na natureza humana.

A CAMINHADA DA PESSOA PELA VIDA

13. Bento XVI aos jovens

O papa compara os jovens aos Reis magos, peregrinos em busca de Alguém que responda a sua sede de felicidade. Seu discurso mais um vez afasta-se do moralismo e se apresenta como um convite, quase um desafio, para que verifiquem se Cristo é ou não resposta para a vida.

14. A família

A família é o espaço fundamental de edificação da pessoa humana através do amor, por isso deve estar em permanente intercâmbio com a comunidade, simultaneamente sendo ajudada e ajudando.

15. O sentido do sofrimento e do mal

Baseando-se no exemplo de João Paulo II, o papa fala do sentido do sofrimento e do mal no mundo.

INTRODUÇÃO

1. A busca do mais importante*

A questão central para Bento XVI é que Deus ama a cada um de nós. Nisso consiste a grandeza do cristianismo. Tudo o mais é secundário, o que não quer dizer sem importância, mas que só pode ser compreendido a partir dessa experiência de relação com Deus.

Agora, portanto, o tema "Deus". Veio-me à mente a palavra de Santo Inácio: "O cristianismo não é uma obra de persuasão, mas de grandeza" (Carta aos Romanos, 3, 3). Não deveríamos permitir que a nossa fé seja vanificada pelos demasiados debates sobre múltiplos pormenores menos importantes mas, ao contrário, ter sempre à vista em primeiro lugar a sua grandeza. Recordo-me quando, nos anos 80-90, eu ia à Alemanha e me pediam que concedesse entrevistas: eu conhecia sempre antecipadamente as perguntas. Tratava-se da ordenação das mulheres, da contracepção, do aborto e de outros problemas como estes que voltam a apresentar-se continuamente. Se nos deixarmos absorver por estes debates, então a Igreja identifica-se com alguns mandamentos ou proibições, e nós passamos por moralistas com algumas convicções um pouco fora de moda, enquanto não sobressai minimamente a verdadeira grandeza da fé. Por este motivo, considero fundamental que volte a pôr sempre em evidência a grandeza da nossa fé um compromisso do qual não podemos permitir que semelhantes situações nos distraiam.

Sob este aspecto, gostaria de insistir mais uma vez: é importante, sobretudo, cuidar da relação pessoal com Deus, com aquele Deus que se nos manifestou em Cristo. Agostinho salientou reiteradamente os dois aspectos do conceito cristão de Deus: Deus é Logos, e Deus é Amor a ponto de se fazer totalmente pequeno, de assumir um corpo humano e, no final, de se entregar como pão nas nossas mãos. Deveríamos ter sempre presentes e tornar presentes estes dois aspectos do conceito cristão de Deus. Deus é *Spiritus creator*, é Logos, é razão. E por isso a nossa fé é algo que tem a ver com a razão, pode ser transmitida mediante a razão e não deve esconder-se diante da mesma, nem da razão da nossa época. Todavia, esta razão eterna e incomensurável, precisamente, não é apenas uma matemática do universo e, ainda menos, uma prima causa que, depois de ter provocado o Big Bang, se retirou. Ao contrário, esta razão tem um coração, a ponto de poder renunciar à própria imensidade e fazer-se carne. E na minha opinião, é somente nisto que está a última e verdadeira grandeza da nossa concepção de Deus. Nós sabemos: Deus não é uma hipótese filosófica, não é algo que talvez exista, mas nós conhecemo-lo e Ele conhece-nos. E podemos conhecê-lo cada vez melhor, se permanecermos em diálogo com Ele.

Por isso, uma tarefa fundamental da pastoral consiste em ensinar a rezar e em aprendê-lo pessoalmente cada vez mais. Hoje existem escolas de oração, grupos de oração; vê-se que as pessoas o querem. Muitos procuram a meditação noutras partes, porque pensam que não podem encontrar no cristianismo a dimensão espiritual. Nós temos o dever de lhes mostrar de novo que esta dimensão espiritual não só existe, mas é a fonte de tudo.

*_A partir do discurso conclusivo do encontro com os bispos da Suíça, em 9 de Novembro de 2006,

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/november/documents/hf_ben-xvi_spe_20061109_concl-swiss-bishops_po.html

O ENCONTRO COM CRISTO

2. O cristianismo nasce de um encontro*

Uma das idéias mais recorrentes no ensinamento de Bento XVI é a do encontro com Cristo, evento místico e pessoal, onde a divindade se encontra com cada pessoa em partiuclar.

«Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele» (1 Jo 4, 16). Estas palavras da I Carta de João exprimem, com singular clareza, o centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a conseqüente imagem do homem e do seu caminho. Além disso, no mesmo versículo, João oferece-nos, por assim dizer, uma fórmula sintética da existência cristã: «Nós conhecemos e cremos no amor que Deus nos tem».

Nós cremos no amor de Deus – deste modo pode o cristão exprimir a opção fundamental da sua vida. Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo.

No seu Evangelho, João tinha expressado este acontecimento com as palavras seguintes: «Deus amou de tal modo o mundo que lhe deu o seu Filho único para que todo o que n'Ele crer (...) tenha a vida eterna» (3, 16). Com a centralidade do amor, a fé cristã acolheu o núcleo da fé de Israel e, ao mesmo tempo, deu a este núcleo uma nova profundidade e amplitude. O crente israelita, de fato, reza todos os dias com as palavras do Livro do Deuteronômio, nas quais sabe que está contido o centro da sua existência: «Escuta, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (6, 4-5). Jesus uniu - fazendo deles um único preceito -- o mandamento do amor a Deus com o do amor ao próximo, contido no Livro do Levítico: «Amarás o teu próximo como a ti mesmo» (19, 18; cf. Mc 12, 29-31). Dado que Deus foi o primeiro a amar-nos (cf. 1 Jo 4, 10), agora o amor já não é apenas um «mandamento», mas é a resposta ao dom do amor com que Deus vem ao nosso encontro.

3. O encontro com Cristo na Igreja†

Esse encontro com Cristo, apesar de pessoal, não é intimista e subjetivo. Acontece na presença de uma comunidade humana concreta: a Igreja.

A Igreja foi constituída sobre o fundamento dos Apóstolos como comunidade de fé, de esperança e de caridade. Através dos Apóstolos, remontamos ao próprio Cristo. A Igreja começou a construir-se quando alguns pescadores da Galiléia encontraram Jesus, deixaram-se conquistar pelo seu olhar, pela sua voz, pelo seu convite caloroso e forte: "Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens" (Mc 1, 17; Mt 4, 19). João Paulo II propôs à Igreja que contemplasse o rosto de Cristo (cf. *Novo millennio ineunte*, 16ss.). Seguindo também eu a mesma direção, gostaria de realçar como precisamente a luz daquele Rosto se reflete sobre o rosto da Igreja (cf. *Lumen gentium*, 1), apesar dos limites e das sombras da nossa humanidade frágil e pecadora.

Desde o primeiro momento da sua atividade salvífica Jesus de Nazaré procura reunir o Povo de Deus. Mesmo sendo sempre a sua pregação um apelo à conversão pessoal, ele na realidade tem continuamente por objetivo a constituição do Povo de Deus

* A partir da encíclica *Deus caritas est*, Introdução, nº. 1

† a partir da audiência geral de quarta-feira, 15 de março de 2006, *A vontade de Jesus sobre a sua Igreja e a escolha dos Doze*, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/audiences/2006/documents/hf_ben-xvi_aud_20060315_po.html.

que veio reunir e salvar. Portanto, torna-se unilateral e sem fundamento a interpretação individualista do anúncio que Cristo faz do Reino. Na realidade, este individualismo da teologia liberal é uma acentuação tipicamente moderna: na perspectiva da tradição bíblica e no horizonte do hebraísmo, nos quais a obra de Jesus se situa mesmo com toda a sua novidade, Toda a missão do Filho feito homem tem uma finalidade humanitária. Ele veio precisamente para convocar a humanidade dispersa, veio para reunir e unir o povo de Deus.

Um sinal evidente da intenção do Nazareno de reunir a comunidade da aliança, para manifestar nela o cumprimento das promessas feitas aos Pais, que falam sempre de convocação, de unificação, de unidade, é a *instituição dos Doze*. Os doze Apóstolos são o sinal mais evidente da vontade de Jesus em relação à existência e à missão da sua Igreja, a garantia de que entre Cristo e a Igreja não existe contraposição alguma: são inseparáveis, não obstante os pecados dos homens que pertencem à Igreja. Portanto, é totalmente inconciliável com a intenção de Cristo uma propaganda que estava na moda há alguns anos: "Jesus sim, Igreja não". A escolha deste Jesus individualista é um Jesus fruto da fantasia. Não podemos ter Jesus sem a realidade que Ele criou e na qual se comunica. Entre o Filho de Deus feito homem e a sua Igreja existe uma profunda, inseparável e misteriosa continuidade, em virtude da qual Cristo está presente hoje no seu povo. Ele é sempre nosso contemporâneo, é sempre contemporâneo na Igreja construída sobre o fundamento dos Apóstolos, está vivo na sucessão dos Apóstolos. E esta sua presença na comunidade, na qual Ele mesmo se oferece sempre a nós, é o motivo da nossa alegria. Sim, Cristo está conosco, o Reino de Deus vem.

EXPANDIR A RAZÃO

4. O desejo da verdade^{*}

Na cultura atual, o agnosticismo, o relativismo e o desenraizamento vão em direção contrária ao anúncio cristão. A resposta a seus desafios é viver a beleza e a alegria da fé.

Descobrir a beleza e a alegria da fé é um caminho que cada geração deve percorrer pessoalmente, mas é possível detectar duas tendências atuais que vão em direção contrária ao anúncio cristão: (1) o agnosticismo originado pela redução da inteligência humana a simples razão calculadora e funcional e que tende a sufocar o sentido religioso inscrito em nossa natureza ; e (2) o processo de relativização e desenraizamento que corrói os vínculos mais sagrados e os afetos mais dignos do homem, fragiliza as pessoas e torna precários e instáveis os relacionamentos.

Nesta situação temos necessidade de viver a fé como alegria. A fonte da alegria cristã é a certeza de sermos amados pessoalmente por Deus. Mas, juntamente com a necessidade de amar, o desejo da verdade pertence à natureza do homem. Por isso, a questão da verdade não pode ser evitada. Centrando a pergunta na verdade alargamos o horizonte da nossa racionalidade, libertamos a razão dos limites dentro dos quais é confinada quando se considera racional apenas o que pode ser objeto de experimentação e cálculo. Aqui a razão encontra a fé: na fé acolhemos o dom que Deus faz de si mesmo revelando-se a nós, acolhamos e aceitamos a Verdade que nossa mente não pode compreender totalmente e nem possuir, mas que dilata o horizonte do nosso conhecimento e permite que alcancemos o Mistério no qual estamos imersos e reencontramos em Deus o sentido definitivo da nossa existência.

Não é fácil concordar com esta superação dos limites da nossa razão. A fé permanece uma escolha da nossa liberdade, que pode ser recusada. Mas uma dimensão da fé é a de se confiar a uma pessoa: Cristo, e o Pai que O enviou. Crer significa estabelecer um vínculo pessoal com o nosso Criador e Redentor, em virtude do Espírito Santo, e fazer deste vínculo o fundamento de toda a vida.

Os progressos da ciência são hoje muito rápidos e com frequência apresentados em contraposição com as afirmações da fé, provocando confusão e tornando mais difícil o acolhimento da verdade cristã. Mas Jesus Cristo é Senhor de toda a criação e de toda a história. Por isso o diálogo entre fé e razão, feito com sinceridade e rigor, oferece a possibilidade de compreender, de modo mais eficiente e convincente, o bom senso da fé em Deus e mostrar que em Cristo se encontra o cumprimento de qualquer aspiração humana autêntica.

5. A razão e o livro da natureza[†]

A própria capacidade humana de compreender racionalmente a ordem do Universo pode ser interpretada como um indício da presença de Deus no mundo. Contudo, essa percepção, no homem moderno, é obscurecida pelo escândalo do sofrimento e do mal.

Parece-me quase incrível que uma invenção do intelecto humano e a estrutura do universo coincidam, que a estrutura intelectual do sujeito humano e a estrutura objetiva da realidade coincidam. Esse é um grande enigma e desafio, porque vemos que, no final, é

^{*} A partir do discurso aos participantes ao Congresso Eclesial da Diocese de Roma, 5 de Junho de 2006,

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/june/documents/hf_ben-xvi_spe_20060605_convegno-diocesano_po.html.

[†] A partir de respostas dadas a jovens de Roma e do Lácio, em 6 de Abril 2006,

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20060406_xxi-wyd_po.html.

"uma" razão que relaciona os dois: a nossa razão não poderia descobrir essa outra, se na origem das duas não se encontrasse uma razão idêntica.

Se o caos prevalecesse, toda a técnica se tornaria impossível. A ciência, que torna possível trabalhar com as energias da natureza, supõe a estrutura confiável, inteligente da matéria. E desta forma vemos que há uma racionalidade subjetiva e uma racionalidade objetiva na matéria, que coincidem. Ninguém pode provar como na experimentação que as duas se originam realmente numa única inteligência, mas parece-me que esta unidade da inteligência, atrás das duas inteligências, esteja realmente no nosso mundo.

Deus ou existe ou não existe: há apenas duas opções. Ou se reconhece a prioridade da Razão criadora que está na origem de tudo e é o princípio de tudo (e a prioridade da razão é também prioridade da liberdade) ou se defende a prioridade do irracional, segundo o qual tudo o que acontece na nossa terra e na nossa vida seria apenas ocasional, marginal, um produto irracional. Não se pode "provar" um projeto ou outro, mas a grande opção do Cristianismo é a opção pela racionalidade e pela prioridade da razão.

Mas hoje o verdadeiro problema contra a fé parece ser o mal no mundo: perguntamos como pode ser ele compatível com esta racionalidade do Criador. E aqui temos realmente necessidade do Deus que se fez carne e que nos mostra que Ele não é apenas uma razão matemática, mas que esta razão originária também é Amor. Se olharmos para as grandes opções, a opção cristã também é hoje a mais racional e a mais humana. Por isso, podemos elaborar com confiança uma filosofia, uma visão do mundo que esteja baseada nesta prioridade da razão, nesta confiança de que a Razão criadora é amor, e que este amor é Deus.

6. Razão, amor e missão*

A expansão da razão e o amor ao próximo são as bases da tarefa evangelizadora no mundo.

A cultura que predomina no Ocidente quer gerar um estilo de vida onde só é racionalmente válido o que é experimentável e calculável, e a liberdade individual é o valor fundamental ao qual todos os outros devem sujeitar-se. Deus permanece excluído da cultura e da vida pública, e a fé torna-se mais difícil num mundo que se apresenta quase sempre como nossa obra, onde Deus já não aparece diretamente e parece supérfluo, aliás alheio. Em relação com isto, tem lugar uma redução radical do homem, considerado um simples produto da natureza, não livre e que pode ser tratado como qualquer outro animal. Verifica-se assim uma inversão do ponto de partida desta cultura, que era uma reivindicação da centralidade do homem e da sua liberdade. A ética é reconduzida até os confins do relativismo e do utilitarismo, com a exclusão de todo o princípio moral que seja válido por si mesmo. Esta cultura caracteriza-se por uma profunda carência, por uma grande necessidade de esperança. Sente-se com crescente clareza a insuficiência de uma racionalidade fechada em si mesma e de uma ética demasiado individualista.

Cabe a nós, não com nossos pobres recursos, mas com a força que vem do Espírito Santo, dar respostas positivas e convincentes às expectativas e às interrogações do nosso povo. Como cumprir esta tarefa? É necessário não perder de vista a ligação entre a fé e a vida cotidiana, entre a proposta do Evangelho e as preocupações e aspirações das pessoas. Através do testemunho deve emergir aquele "sim" que, em Cristo, Deus deu ao homem e à sua vida: que a fé em Deus com rosto humano traga alegria ao mundo.

Os cristãos reconhecem e acolhem de bom grado os autênticos valores da cultura do nosso tempo, como o conhecimento científico e o desenvolvimento tecnológico, os

* A partir do discurso proferido no IV Congresso Nacional da Igreja Italiana, 19 de Outubro de 2006, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/april/documents/hf_ben-xvi_spe_20060406_xxi-wyd_po.html.

direitos do homem, a liberdade religiosa e a democracia. Mas não ignoram nem subestimam a perigosa fragilidade da natureza humana, que é uma ameaça para o caminho do homem em todos os contextos históricos; não descuidam das tensões interiores e contradições da nossa época. A obra de evangelização nunca é uma simples adaptação às culturas, mas constitui sempre também uma purificação, uma ruptura corajosa que se torna amadurecimento e purificação, uma abertura que permite o nascimento da "nova criação", que é o fruto do Espírito.

No início do ser cristão e do nosso testemunho não há uma decisão ética ou uma grande idéia, mas o encontro com a Pessoa de Jesus Cristo, "que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo".

A fecundidade deste encontro manifesta-se em primeiro lugar em relação à razão. Quando se percebe o próprio universo estruturado de maneira inteligente, de modo que exista uma profunda correspondência entre a nossa razão subjetiva e a razão objetivada, torna-se inevitável perguntar se não existe uma única inteligência originária, que é a fonte comum de uma e da outra. Assim, a reflexão sobre o desenvolvimento das ciências conduz-nos rumo ao Logos criador. Com esta base torna-se possível ampliar os espaços da nossa racionalidade, reabri-la às grandes questões da verdade e do bem, unir entre si a teologia, a filosofia e as ciências, no pleno respeito pelos métodos e pela autonomia de cada uma, mas também na consciência da unidade intrínseca que as conserva unidas.

A pessoa humana não é só razão e inteligência. Traz em si a necessidade de ser amada e de amar. Interroga-se e confunde-se diante das tribulações da vida e do mal que existe no mundo, que parece tão forte e sem sentido. Volta com insistência a pergunta se na nossa vida pode existir um espaço seguro para o amor autêntico e se o mundo é verdadeiramente a obra da sabedoria de Deus. Aqui, somos socorridos pela extraordinária novidade da revelação bíblica: o Criador do céu e da terra, Deus que é a fonte de todo o ser, ama pessoalmente o homem de maneira apaixonada e quer ser amado por ele. Esta razão criadora, que é amor, cria uma história com Israel e, diante das traições do povo, mostra fidelidade e misericórdia inesgotáveis. Em Jesus Cristo, tal atitude alcança a sua forma extrema, inaudita e dramática: nele Deus faz-se um de nós e chega mesmo a sacrificar a sua vida por nós.

A opção da fé e do seguimento de Cristo nunca é fácil. A Igreja permanece como "sinal de contradição", também no nosso tempo. Devemos estar sempre prontos a responder a quem quer que nos pergunte a razão da nossa esperança. A forte unidade que se realizou na Igreja dos primeiros séculos, entre uma fé amiga da inteligência e uma prática de vida caracterizada pelo amor recíproco e pela atenção cuidadosa aos pobres e aos sofredores, tornou possível a primeira grande expansão missionária do cristianismo no mundo helenista-romano. Assim tornou-se também sucessivamente, em vários contextos culturais e situações históricas. Este permanece o caminho principal para a evangelização.

A DIMENSÃO DO AMOR

7. *Eros* e *ágape*: o amor é desejo e doação*

A dimensão erótica, de desejo pelo outro, faz parte do amor humano – e como tal deve ser valorizada. Contudo, em sua maturidade o amor necessita evoluir, incorporando também sua dimensão de doação de si ao outro, para se realizar plenamente.

Ao amor entre homem e mulher, que não nasce da inteligência e da vontade, mas de certa forma impõe-se ao ser humano, a Grécia antiga deu o nome de *eros*. Segundo Friedrich Nietzsche, o cristianismo teria dado veneno a beber ao *eros*. Este filósofo alemão exprimia assim uma sensação muito generalizada: com os seus mandamentos e proibições, a Igreja não nos torna porventura amarga a coisa mais bela da vida?

Mas, será mesmo assim? O cristianismo destruiu verdadeiramente o *eros*?

O amor promete infinito, eternidade — uma realidade maior e totalmente diferente do dia-a-dia da nossa existência. O caminho para tal meta não consiste em deixar-se subjugar pelo instinto. São necessárias purificações e amadurecimentos, que passam também pela estrada da renúncia. Isto não é rejeição do *eros*, mas a cura em ordem à sua verdadeira grandeza.

Se o homem aspira a ser somente espírito e quer rejeitar a carne como uma herança apenas animal, então espírito e corpo perdem a sua dignidade. E se renega o espírito e conseqüentemente considera a matéria, o corpo, como realidade exclusiva, perde igualmente a sua grandeza.

O *eros* degradado a puro « sexo » torna-se mercadoria, torna-se simplesmente uma « coisa » que se pode comprar e vender; antes, o próprio homem torna-se mercadoria. Considera o corpo e a sexualidade como a parte meramente material de si mesmo a usar e explorar com proveito. A fé cristã sempre considerou o homem como um ser em que espírito e matéria se compenetraram mutuamente. O *eros* quer-nos elevar « em êxtase » para o Divino, conduzir-nos para além de nós próprios, mas por isso mesmo requer um caminho de ascese, renúncias, purificações e saneamentos.

Concretamente, como se deve configurar este caminho de ascese e purificação? No Cântico dos Cânticos se encontram duas palavras distintas para designar o « amor ». Primeiro, aparece a palavra « dodim », que exprime o amor ainda inseguro, numa situação de procura indeterminada. Depois, esta palavra é substituída por « ahabà », que, na versão grega do Antigo Testamento, é traduzida pelo termo de som semelhante « *ágape* », que se tornou o termo característico para a concepção bíblica do amor. Este vocábulo exprime a experiência do amor que agora se torna verdadeiramente descoberta do outro, superando assim o caráter egoísta que antes claramente prevalecia. Agora o amor torna-se cuidado do outro e pelo outro. Já não se busca a si próprio, não busca a imersão no inebriamento da felicidade; procura, ao invés, o bem do amado: torna-se renúncia, está disposto ao sacrifício, antes procura-o.

Eros e *ágape* nunca se deixam separar completamente um do outro. Quanto mais os dois encontrarem a justa unidade, embora em distintas dimensões, na única realidade do amor, tanto mais se realiza a verdadeira natureza do amor em geral. Embora o *eros* seja inicialmente sobretudo ambicioso, à medida que se aproxima do outro, far-se-á cada vez menos perguntas sobre si próprio, procurará sempre mais a felicidade do outro, doar-se-á e desejará « existir para » o outro. Assim se insere nele o momento da *ágape*; caso

* A partir da encíclica *Deus caritas est*, Parte I, “*Eros* e *ágape* – diferença e unidade”, números 3 a 8.

contrário, o *eros* decai e perde mesmo a sua própria natureza. Por outro lado, o homem não pode limitar-se sempre a dar, deve também receber. Quem quer dar amor, deve ele mesmo recebê-lo em dom. Certamente, o homem pode — como nos diz o Senhor — tornar-se uma fonte donde correm rios de água viva (cf. Jo 7, 37-38); mas, para se tornar semelhante fonte, deve ele mesmo beber incessantemente da fonte primeira e originária que é Jesus Cristo, de cujo coração trespassado brota o amor de Deus (cf. Jo 19, 34).

Os Padres viram simbolizada de várias maneiras, na narração da escada de Jacó, esta conexão indivisível entre subida e descida, entre o *eros* que procura Deus e a *ágape* que transmite o dom recebido. Naquele texto bíblico refere-se que o patriarca Jacó num sonho viu, assente na pedra que lhe servia de travesseiro, uma escada que chegava até ao céu, pela qual subiam e desciam os anjos de Deus (cf. Gn 28, 12; Jo 1, 51). Particularmente interessante é a interpretação que dá o Papa Gregório Magno desta visão, na sua Regra pastoral. O bom pastor — diz ele — deve estar radicado na contemplação. De fato, só assim lhe será possível acolher de tal modo no seu íntimo as necessidades dos outros, que estas se tornem suas.

8. Na cruz, Cristo reconcilia justiça e amor*

A justiça humana pede a punição daquele que erra, o amor pede que seja perdoado. A reconciliação entre esses aparentes opostos se dá na cruz de Cristo. Aqui, Deus se volta contra si mesmo, para permitir que o homem seja perdoado na justiça e no amor.

O *eros* de Deus pelo homem é totalmente *ágape*. E não só porque é dado de maneira totalmente gratuita, sem mérito algum precedente, mas também porque é amor que perdoa. E é tão grande, que chega a virar Deus contra Si próprio, o seu amor contra a sua justiça. Deus ama tanto o homem que, tendo-Se feito Ele próprio homem, segue-o até à morte e, deste modo, reconcilia justiça e amor. Deus, o princípio criador de todas as coisas, é um amante com toda a paixão de um verdadeiro amor. Deste modo, o *eros* é enobrecido ao máximo, mas simultaneamente tão purificado que se funde com a *ágape*. Existe uma unificação do homem com Deus — o sonho originário do homem — mas esta unificação não é confundir-se, afundar no oceano anônimo do Divino; é unidade que cria amor, na qual Deus e o homem permanecem eles mesmos, mas tornando-se plenamente uma coisa só.

A ação de Deus ganha sua forma dramática no fato de que, em Jesus Cristo, o próprio Deus vai atrás da « ovelha perdida », a humanidade sofredora e transviada. Na sua morte de cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo — o amor na sua forma mais radical. O olhar fixo no lado trespassado de Cristo, de que fala João (cf. 19, 37), compreende o que serviu de ponto de partida a esta Carta Encíclica: « Deus é amor » (1 Jo 4, 8). E começando de lá, pretende-se agora definir em que consiste o amor. A partir daquele olhar, o cristão encontra o caminho do seu viver e amar.

Jesus deu a este ato de oferta uma presença duradoura através da instituição da Eucaristia durante a Última Ceia. A « mística » do Sacramento tem um caráter social, porque, na comunhão sacramental, fico unido ao Senhor como todos os demais comungantes. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou tornarão Seus. A comunhão tira-me para fora de mim mesmo projetando-me para Ele e, deste modo, também para a união com todos os cristãos. Assim se compreende por que o termo *ágape* se tenha tornado também um nome da Eucaristia: nesta a *ágape* de Deus vem corporalmente a nós, para continuar a sua ação em

* A partir da encíclica *Deus caritas est*, Parte I, “A novidade da fé bíblica” e “Jesus Cristo – o amor encarnado de Deus”, números 9 a 15.

nós e através de nós. O « mandamento » do amor só se torna possível porque não é mera exigência: o amor pode ser « mandado », porque antes nos é dado.

9. O amor nos abre para o “próximo” *

Não é possível viver o amor a Deus sem amar o “próximo”.

Há um nexos indivisível entre o amor a Deus e o amor ao próximo: um exige tão estreitamente o outro que a afirmação do amor a Deus se torna uma mentira, se o homem se fechar ao próximo ou, inclusive, o odiar. O amor ao próximo é uma estrada para encontrar também a Deus, e o fechar os olhos diante do próximo torna cegos também diante de Deus.

Ele amou-nos primeiro, e continua a ser o primeiro a amar-nos; por isso, também nós podemos responder com o amor. Ele ama-nos, faz-nos ver e experimentar o seu amor, e desta « antecipação » de Deus pode, como resposta, despontar também em nós o amor.

Revela-se, assim, como possível o amor ao próximo no sentido enunciado por Jesus, na Bíblia. Consiste precisamente no fato de que eu amo, em Deus e com Deus, a pessoa que não me agrada ou que nem conheço sequer. Isto só é possível realizar-se a partir do encontro íntimo com Deus, um encontro que se tornou comunhão de vontade, chegando mesmo a tocar o sentimento. Então aprendo a ver aquela pessoa já não somente com os meus olhos e sentimentos, mas segundo a perspectiva de Jesus Cristo. O seu amigo é meu amigo. Para além do aspecto exterior do outro, dou-me conta da sua expectativa interior de um gesto de amor, de atenção. Eu vejo com os olhos de Cristo e posso dar ao outro muito mais do que as coisas externamente necessárias: posso dar-lhe o olhar de amor de que ele precisa.

Se na minha vida falta o contato com Deus, posso ver no outro sempre e apenas o outro e não consigo reconhecer nele a imagem divina. Se na minha vida negligencio completamente a atenção ao outro, importando-me apenas com ser « piedoso » e cumprir os meus « deveres religiosos », então define também a relação com Deus. Só o serviço ao próximo abre os meus olhos para aquilo que Deus faz por mim e para o modo como Ele me ama.

Os Santos hauriram sua capacidade de amar o próximo, de modo sempre renovado, do seu encontro com o Senhor eucarístico e, vice-versa, este encontro ganhou o seu realismo e profundidade precisamente no serviço deles aos outros. Amor a Deus e amor ao próximo são inseparáveis, constituem um único mandamento. Ambos vivem do amor com que Deus nos amou primeiro. Deste modo, já não se trata de um « mandamento » que do exterior nos impõe o impossível, mas de uma experiência do amor proporcionada do interior, um amor que, por sua natureza, deve ser ulteriormente comunicado aos outros.

* A partir da encíclica *Deus caritas est*, Parte I, “Amor a Deus e amor ao próximo”, números 16 a 18.

UMA VISÃO INTEGRAL DE PESSOA

10. O desenvolvimento integral da pessoa e das sociedades *

A síntese da mensagem social de Bento XVI: o amor nos leva ao compromisso com a transformação da sociedade, buscando um desenvolvimento integral da pessoa, que implica também em sua dimensão espiritual.

«Jesus, ao ver as multidões, encheu-Se de compaixão por elas» (Mt 9, 36). À luz disto, queria deter-me a refletir sobre uma questão muito debatida pelos nossos contemporâneos: o desenvolvimento. Também hoje o «olhar» compassivo de Cristo pousa incessantemente sobre os homens e os povos. Para promover um desenvolvimento integral, é necessário que o nosso «olhar» sobre o homem seja idêntico ao de Cristo. Não é possível separar a resposta às necessidades materiais e sociais dos homens da satisfação das necessidades profundas do seu coração. Papa Paulo VI denunciava, na Encíclica *Populorum progressio*, «as carências materiais dos que são privados do mínimo vital, e as carências morais dos que são mutilados pelo egoísmo... as estruturas opressivas, quer provenham dos abusos da posse ou do poder, da exploração dos trabalhadores ou da injustiça das transações». Como antídoto para esses males, Paulo VI sugeria não só «a consideração crescente da dignidade dos outros, a orientação para o espírito de pobreza, a cooperação no bem comum, a vontade da paz», mas também «o reconhecimento, pelo homem, dos valores supremos, e de Deus que é a origem e o termo deles». Não hesitava em propor, «a fé, dom de Deus acolhido pela boa vontade do homem, e a unidade na caridade de Cristo». Por conseguinte, o «olhar» de Cristo sobre a multidão obriga-nos a afirmar os verdadeiros conteúdos daquele «humanismo total» que consiste no «desenvolvimento integral do homem todo e de todos os homens». A primeira contribuição que a Igreja oferece para o desenvolvimento do homem e dos povos não se consubstancia em meios materiais nem em soluções técnicas, mas no anúncio da verdade de Cristo que educa as consciências e ensina a autêntica dignidade da pessoa e do trabalho, promovendo a formação duma cultura que corresponda verdadeiramente a todas as exigências do homem.

À vista dos tremendos desafios da pobreza de grande parte da humanidade, a indiferença e o encerramento no próprio egoísmo apresentam-se em contraste intolerável com o «olhar» de Cristo. O jejum, a esmola e a oração, que a Igreja propõe de modo especial no período da Quaresma, são uma ocasião propícia para nos conformarmos àquele «olhar». Os exemplos dos Santos e as experiências missionárias da história da Igreja constituem indicações preciosas quanto ao melhor modo de apoiar o desenvolvimento. Mesmo neste tempo da interdependência global, nenhum projeto econômico, social ou político substitui aquele dom de si mesmo ao outro que brota da caridade. Quem age segundo esta lógica evangélica, vive a fé como amizade com o Deus encarnado e, como Ele, provê às necessidades materiais e espirituais do próximo. Sabe que, quem não dá Deus, dá demasiado pouco e que a primeira pobreza dos povos é não conhecer Cristo.

Graças a homens e mulheres obedientes ao Espírito Santo, surgiram na Igreja muitas obras de caridade, visando promover o desenvolvimento: hospitais, universidades, escolas de formação profissional, micro-empresas. São iniciativas que, muito antes de outras fórmulas da sociedade civil, deram provas de sincera preocupação pelo homem por parte de pessoas animadas pela mensagem evangélica. Estas obras apontam uma estrada

* A partir da mensagem para a Quaresma de 2006, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/lent/documents/hf_ben-xvi_mes_20050929_lent-2006_po.html.

por onde guiar o mundo de hoje para uma globalização que tenha, ao centro, o verdadeiro bem do homem e conduza assim à paz autêntica. Com a mesma compaixão que tinha Jesus pelas multidões, a Igreja sente como sua missão pedir um desenvolvimento baseado no respeito da dignidade de todo o homem. Um indicador importante deste esforço é a liberdade religiosa, entendida como possibilidade não simplesmente de anunciar e celebrar Cristo, mas de contribuir para a edificação de um mundo animado pela caridade. Há que incluir neste esforço também a efetiva consideração do papel central que desempenham os autênticos valores religiosos na vida do homem enquanto resposta às suas questões mais profundas e motivação ética para as suas responsabilidades pessoais e sociais.

Foram cometidos erros ao longo da história por muitos que se professavam discípulos de Jesus. Não raramente, confrontados com problemas graves, pensaram que se deveria primeiro melhorar a terra e depois pensar no céu. A tentação foi considerar que, perante necessidades urgentes, se deveria em primeiro lugar procurar mudar as estruturas externas. Para alguns, isto teve como consequência a transformação do cristianismo num moralismo, a substituição do crer pelo fazer. Por isso, observa João Paulo II: «A tentação hoje é reduzir o cristianismo a uma sabedoria meramente humana, como se fosse a ciência do bom viver. Num mundo fortemente secularizado, se procura lutar sem dúvida pelo homem, mas por um homem dividido a meio, reduzido unicamente à dimensão horizontal. Ora, nós sabemos que Jesus veio trazer a salvação integral».

11. A pessoa humana, coração da paz^{*}

Num de seus pronunciamentos mais completos, o papa apresenta a relação entre pessoa humana, direitos humanos, paz e justiça na sociedade.

Estou convencido de que respeitando a pessoa promove-se a paz e, construindo a paz, assentam-se as premissas para um autêntico humanismo integral. É assim que se prepara um futuro sereno para as novas gerações.

A Sagrada Escritura afirma: « Deus criou o homem à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher » (*Gn 1,27*). *Por ter sido criado à imagem de Deus, o indivíduo humano possui a dignidade de pessoa; não é só alguma coisa, mas alguém, capaz de se conhecer, de se possuir e de livremente se dar e de entrar em comunhão com outras pessoas. Ao mesmo tempo, ele é chamado, pela graça, a uma aliança com o seu Criador, a dar-Lhe uma resposta de fé e amor que mais ninguém pode dar em seu lugar. Nesta admirável perspectiva, compreende-se a missão confiada ao ser humano de amadurecer pessoalmente na capacidade de amar e de fazer progredir o mundo, renovando-o na justiça e na paz.*

A paz é simultaneamente um dom e uma missão. Se é verdade que a paz entre os indivíduos e os povos — a capacidade de viverem uns ao lado dos outros tecendo relações de justiça e de solidariedade — representa um compromisso que não conhece pausa, é também verdade, antes, é mais ainda, que a paz é dom de Deus. A paz é, com efeito, uma característica da ação divina, que se manifesta tanto na criação de um universo ordenado e harmonioso como também na redenção da história humana necessitada de ser recuperada da desordem do pecado. Criação e redenção oferecem, portanto, a chave de leitura que introduz na compreensão do sentido da nossa existência sobre a terra. O meu venerado predecessor João Paulo II teve a ocasião de dizer que nós « não vivemos num mundo irracional ou sem sentido, mas [...] existe uma lógica moral que ilumina a existência humana e torna possível o diálogo entre os homens e os povos ». A “gramática” transcendente, ou seja, o conjunto de regras da ação individual e do recíproco

^{*} A partir da mensagem para a celebração do Dia Mundial da Paz de 2007,

http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20061208_xl-world-day-peace_po.html.

relacionamento entre as pessoas de acordo com a justiça e a solidariedade, está inscrita nas consciências, nas quais se reflete o sábio projeto de Deus. A paz é também uma tarefa que compromete cada indivíduo a uma resposta pessoal coerente com o plano divino. O critério que deve inspirar esta resposta não pode ser senão o *respeito pela “gramática” escrita no coração do homem pelo seu divino Criador*.

Nesta perspectiva, as normas do direito natural devem ser acolhidas como uma chamada a realizar fielmente o projeto universal divino inscrito na natureza do ser humano. Guiados por tais normas, os povos — no âmbito das respectivas culturas — podem aproximar-se assim do maior mistério, que é o mistério de Deus. Por isso, o reconhecimento e o respeito pela lei natural constituem também hoje a grande base para o diálogo entre os crentes das diversas religiões e entre estes e os não crentes. É este um grande ponto de encontro e, portanto, um pressuposto fundamental para uma autêntica paz.

O dever de respeitar a dignidade de cada ser humano, em cuja natureza se reflete a imagem do Criador, tem como consequência que *não se possa dispor da pessoa arbitrariamente*. Quem detém maior poder político, tecnológico, econômico, não pode aproveitar disso para violar os direitos dos outros menos favorecidos. De fato, é sobre o respeito dos direitos de todos que se baseia a paz. Ciente disso, a Igreja faz-se paladina dos direitos fundamentais de cada pessoa. De modo particular, ela reivindica o respeito da *vida e da liberdade religiosa* de cada um. O respeito do direito à vida em todas as suas fases estabelece um ponto firme de importância decisiva: *a vida é um dom de que o sujeito não tem completa disponibilidade*. Igualmente, a afirmação do direito à liberdade religiosa põe o ser humano *em relação com um Princípio transcendente que o furta ao arbítrio do homem*.

Na raiz de não poucas tensões que ameaçam a paz, estão certamente *as inúmeras injustas desigualdades* ainda tragicamente presentes no mundo. De entre elas são, por um lado, particularmente insidiosas *as desigualdades no acesso a bens essenciais*, como a comida, a água, a casa, a saúde; e, por outro lado, *as contínuas desigualdades entre homem e mulher no exercício dos direitos humanos fundamentais*.

Constitui um elemento de primária importância para a construção da paz o reconhecimento da *igualdade essencial entre as pessoas humanas*, que brota da sua transcendente dignidade comum. A igualdade a este nível é, pois, um bem de todos inscrito naquela “gramática” natural que se deduz do projeto divino da criação; um bem que não pode ser descurado ou desprezado sem provocar pesadas repercussões que põem em risco a paz.

A mesma insuficiente consideração pela *condição feminina* introduz fatores de instabilidade no ordenamento social. Penso na exploração de mulheres tratadas como objetos e nas numerosas formas de falta de respeito pela sua dignidade; penso também — num contexto distinto — nas visões antropológicas persistentes em algumas culturas, que reservam à mulher uma posição ainda fortemente sujeita ao arbítrio do homem, com consequências lesivas da sua dignidade de pessoa e para o exercício das próprias liberdades fundamentais. Não devemos iludir-nos de que a paz esteja assegurada enquanto não forem superadas também estas formas de discriminação, que lesionam a dignidade pessoal, inscrita pelo Criador em cada ser humano.

Na Encíclica *Centesimus annus* escreve João Paulo II: « Não só a terra foi dada por Deus ao homem, que a deve usar respeitando a intenção originária de bem, segundo a qual lhe foi entregue; mas o homem é doado a si mesmo por Deus, devendo por isso respeitar a estrutura natural e moral, de que foi dotado ». É respondendo a esta incumbência, que lhe foi confiada pelo Criador, que o homem, juntamente com seus semelhantes, pode dar vida

a um mundo de paz. Assim, ao lado da ecologia da natureza existe uma ecologia que podemos designar “humana”, a qual, por sua vez, requer uma “ecologia social”. E isto requer que a humanidade, se tem a peito a paz, tome consciência cada vez mais das ligações existentes entre a ecologia natural, ou seja, o respeito pela natureza, e a ecologia humana. A experiência demonstra que *toda a atitude de desprezo pelo ambiente provoca danos à convivência humana*, e vice-versa. Surge assim com mais evidência um nexo incindível entre a paz com a criação e a paz entre os homens. Uma e outra pressupõem a paz com Deus. A poesia-oração de S. Francisco, conhecida também como « Canção do Irmão Sol », constitui um admirável exemplo — sempre atual — desta variegada ecologia da paz.

É urgente, portanto, mesmo no quadro das atuais dificuldades e tensões internacionais, empenhar-se em dar vida a uma *ecologia humana que favoreça o crescimento da “árvore da paz”*. Para tentar semelhante empresa é necessário deixar-se guiar por uma visão da pessoa não viciada por preconceitos ideológicos e culturais ou por interesses políticos e econômicos, que incitem ao ódio e à violência. É compreensível que as visões do homem variem nas distintas culturas. Mas o que não se pode admitir é que sejam cultivadas *concepções antropológicas* que contenham nelas mesmas o germe da contraposição e da violência. São igualmente inaceitáveis *concepções de Deus* que estimulem o descaso para com os próprios semelhantes e o recurso à violência contra eles. Trata-se de um dado em que se deve insistir com clareza: uma guerra *em nome de Deus* jamais é aceitável. Quando uma certa concepção de Deus está na origem de fatos criminosos, é sinal de que tal concepção já se transformou em ideologia.

Hoje, porém, a paz não é posta em discussão só pelo conflito entre as visões redutivas do homem, ou seja, entre as ideologias. É também pela *indiferença face àquilo que constitui a verdadeira natureza do homem*. Muitos contemporâneos negam, com efeito, a existência de uma específica natureza humana, tornando assim possível as interpretações mais extravagantes dos constitutivos essenciais do ser humano. Também aqui faz falta a clareza: uma visão “débil” da pessoa, que deixe espaço a qualquer concepção excêntrica, só aparentemente favorece a paz. Na verdade, impede o diálogo autêntico e abre o caminho à intervenção de imposições autoritárias, terminando assim por deixar a própria pessoa indefesa e, conseqüentemente, presa fácil da opressão e da violência.

Uma paz verdadeira e estável pressupõe o respeito dos direitos do homem. Mas se estes direitos se baseiam numa concepção débil da pessoa, como não hão de ficar também eles enfraquecidos? Daqui se vê claramente a profunda insuficiência de uma *concepção relativista da pessoa*, quando se trata de justificar e defender os seus direitos. Causará surpresa se, diante das exigências “incômodas” postas por um direito ou outro, aparecer alguém a contestá-lo ou decidir ignorá-lo? Somente radicados em instâncias objetivas da natureza dada ao homem pelo Criador, é que os direitos a ele atribuídos podem ser afirmados sem medo de contestação. De resto, é evidente que os direitos do homem, por sua vez, implicam deveres. Bem o afirmava a propósito *mahatma* Gandhi: « O Ganges dos direitos desce do Himalaia dos deveres » Somente deixando claro este pressuposto de base é que os direitos humanos, hoje sujeitos a contínuos ataques, podem ser adequadamente defendidos.

Desejo, enfim, dirigir um premente apelo ao Povo de Deus, a fim de que cada cristão sinta-se comprometido a ser incansável promotor de paz e acérrimo defensor da dignidade da pessoa humana e dos seus direitos inalienáveis. Agradecido ao Senhor por tê-lo chamado a pertencer à sua Igreja — que, no mundo, é « sinal e salvaguarda da transcendência da pessoa humana », o cristão não se cansará de Lhe implorar o bem fundamental da paz, que tanta importância tem na vida de cada um. Além disso, ele sentirá

o orgulho de servir com generosa dedicação a causa da paz, indo ao encontro dos irmãos, especialmente daqueles que, além de sofrer pobreza e privações, estão também privados deste precioso bem. Jesus revelou-nos que « *Deus é amor* » (1 Jo 4,8) e que a vocação maior de cada pessoa é o amor. Em Cristo, podemos encontrar as supremas razões para nos tornarmos paladinos seguros da dignidade humana e corajosos construtores de paz.

12. A bioética nasce da lei inscrita no coração do homem*

As respostas às questões bioéticas não são deduzidas a partir de princípios abstratos, mas sim compreendidas a partir de um olhar sobre o “coração do homem”, isto é, daquilo que há de mais profundo na natureza humana.

O direito à vida deve ser sustentado por todos, porque se trata de um direito fundamental em relação aos outros direitos humanos. Afirma-o com vigor a Encíclica *Evangelium vitae*: "Mesmo por entre dificuldades e incertezas, todo o homem sinceramente aberto à verdade e ao bem pode, pela luz da razão e com o secreto influxo da graça, chegar a reconhecer, na lei natural inscrita no coração, o valor sagrado da vida humana desde o seu início até ao seu termo, e afirmar o direito que todo o ser humano tem de ver plenamente respeitado este seu bem primário. Sobre o reconhecimento de tal direito é que se funda a convivência humana e a própria comunidade política”.

Esta mesma Encíclica recorda que, "de modo particular, devem defender e promover este direito os crentes em Cristo, conscientes daquela verdade maravilhosa, recordada pelo Concílio Vaticano II: "Pela sua encarnação Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a cada homem" (*Gaudium et spes*, 22). De fato, neste acontecimento da salvação revela-se à humanidade não só o amor infinito de Deus, que "amou de tal modo o mundo, que lhe deu o seu Filho único" (Jo 3, 16), mas também o valor incomparável de cada pessoa humana" (*Evangelium vitae*, 2).

Por isso, o cristão é continuamente chamado a mobilizar-se para enfrentar os múltiplos ataques aos quais o direito à vida está exposto. Nisto, ele sabe que pode contar com motivações que têm profundas raízes na lei natural e, portanto, que podem ser compartilhadas por todas as pessoas de consciência reta.

São cada vez mais vigorosas as pressões para a legalização do aborto nas nações da América Latina e nos países menos desenvolvidos, sob o pretexto da saúde reprodutiva: incrementam-se as políticas do controle demográfico, não obstante já sejam reconhecidas como perniciosas também nos planos econômico e social. Ao mesmo tempo, nos países mais desenvolvidos aumenta o interesse pela investigação biotecnológica mais aprimorada, para instaurar subtis e vastas metodologias de eugenismo, até à busca obcecada do "filho perfeito. Uma nova onda de eugénica discriminatória encontra consensos em nome do presumível bem-estar dos indivíduos e, de maneira especial no mundo economicamente progredido, promovem-se leis para legalizar a eutanásia. Tudo isto acontece enquanto, sob outro ponto de vista, se multiplicam os impulsos em favor da legalização de convivências alternativas ao matrimônio e fechadas à procriação natural.

A formação de uma consciência autêntica, porque está fundamentada na verdade, e reta, porque determinada a seguir os seus preceitos sem quaisquer contradições, sem traições e sem compromissos, constitui hoje em dia um empreendimento difícil e delicado, mas imprescindível. E trata-se de uma empresa, infelizmente, impedida por diversos fatores. Antes de mais nada, na atual fase da secularização chamada pós-moderna e caracterizada por inquestionáveis formas de tolerância, não somente aumenta a rejeição da tradição cristã, mas desconfia-se inclusive da capacidade que a razão tem de compreender

* A partir do discurso aos participantes na assembléia geral da Pontifícia Academia para a Vida, em 24 de fevereiro de 2007, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/february/documents/hf_ben-xvi_spe_20070224_academy-life_po.html

a verdade e as pessoas afastam-se do gosto pela reflexão. Na opinião de alguns, para ser livre, a consciência individual deveria até renunciar tanto às referências às tradições como às que se fundamentam na razão. Desta forma a consciência, um ato da razão que tem em vista da verdade acerca das coisas, cessa de ser luz e torna-se um simples pano de fundo sobre o qual a sociedade dos meios de comunicação lança as imagens e os impulsos mais contraditórios. É necessário reeducar para o desejo do conhecimento da verdade autêntica, para a defesa da própria liberdade de opção diante dos comportamentos de massa e das seduções da propaganda, para nutrir a paixão pela beleza moral e pela clareza da consciência.

"Na verdade, o homem tem uma lei inscrita por Deus no seu coração ensinou-nos o Concílio Vaticano II. A sua dignidade está em obedecer-lhe e segundo ela será julgado" (*Gaudium et spes*, 16).

A CAMINHADA DA PESSOA PELA VIDA

13. Bento XVI aos jovens*

O papa compara os jovens aos Reis magos, peregrinos em busca de Alguém que responda a sua sede de felicidade. Seu discurso mais um vez afasta-se do moralismo e se apresenta como um convite, quase um desafio, para que verifiquem se Cristo é ou não resposta para a vida.

No seu Evangelho, Mateus transcreve a pergunta que ardia no coração dos Magos: "Onde está o rei dos judeus que acaba de nascer" (Mt 2, 2). Procurar Jesus era o motivo pelo qual tinham enfrentado a longa viagem até Jerusalém. Por isso tinham suportado fadigas e privações sem ceder ao desencorajamento e à tentação de retroceder nos seus passos. Também nós sentíamos no coração a insistência, mesmo se de outra forma, da mesma pergunta que estimulava os homens do Oriente a pôr-se a caminho. É verdade que nós hoje já não procuramos um rei; mas estamos preocupados pela condição do mundo e perguntamos: onde encontro os critérios para a minha vida, os critérios para colaborar de modo responsável na edificação do presente e do futuro do nosso mundo? Em quem posso confiar de quem posso confiar? Onde está Aquele que me pode oferecer a resposta satisfatória para as expectativas do coração? Fazer estas perguntas significa antes de tudo reconhecer que o caminho não termina enquanto não se encontra Aquele que tem o poder de instaurar o Reino universal de justiça e de paz pelo qual os homens aspiram, mas que não sabem construir sozinhos. Fazer tais perguntas significa procurar Alguém que não se engana e não pode enganar e por isso é capaz de oferecer uma certeza tão firme que permite viver por ela e, nesse caso, também morrer por ela.

Queridos amigos, quando se apresenta no horizonte da existência esta resposta é preciso saber fazer as opções necessárias. É como quando nos encontramos numa encruzilhada: que caminho empreender? O que é sugerido pelas paixões ou o que é indicado pela estrela que brilha na consciência? Os Magos, ao ouvir a resposta: "Em Belém da Judéia, pois assim foi escrito pelo profeta" (Mt 2, 5), escolheram prosseguir o caminho e ir até ao fundo, iluminados por esta palavra. Aquela palavra também nos é dita a nós. Também nós devemos fazer a nossa opção.

Queridos jovens, a felicidade que procurais, a felicidade que tendes o direito de saborear tem um nome, um rosto: o de Jesus de Nazaré, oculto na Eucaristia. Só ele dá plenitude de vida à humanidade! Com Maria, dizei o vosso "sim" àquele Deus que deseja oferecer-se a vós. Repito-vos hoje o que disse no início do meu pontificado: "Quem faz entrar Cristo [na própria vida] nada perde, nada absolutamente nada do que torna a vida livre, bela e grande. Não, só nesta amizade se abrem de par em par as portas da vida. Só nesta amizade desabrocham realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só nesta amizade nós experimentamos o que é belo e o que liberta". Disto estai plenamente convictos: Cristo de nada vos priva do que tendes em vós de belo e de grande, mas tudo leva à perfeição para glória de Deus, a felicidade dos homens e a salvação do mundo.

Nestes dias convido-vos a comprometer-vos sem reservas a servir Cristo, custe o que custar. O encontro com Jesus Cristo permitir-vos-á saborear interiormente a alegria da sua presença viva e vivificante para depois a testemunhar à nossa volta.

*A partir do discurso na festa de acolhimento dos jovens, XX Jornada Mundial da Juventude, Colônia, 18 de Agosto de 2005, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2005/august/documents/hf_ben-xvi_spe_20050818_youth-celebration_po.html

14. A família*

A família é o espaço fundamental de edificação da pessoa humana através do amor, por isso deve estar em permanente intercâmbio com a comunidade, simultaneamente sendo ajudada e ajudando.

A família é o ambiente privilegiado onde cada pessoa aprende a dar e receber amor. Meu querido predecessor João Paulo II dizia que "O homem se tornou "imagem e semelhança" de Deus, não somente através da própria humanidade, mas também através da comunhão das pessoas que o varão e a mulher formam desde o princípio. Tornam-se a imagem de Deus não tanto no momento da solidão quanto no momento da comunhão.

A família é uma instituição de mediação entre o indivíduo e a sociedade, e nada a pode substituir totalmente. É um bem necessário para os povos, um fundamento indispensável para a sociedade e um grande tesouro dos esposos durante toda a sua vida. É um bem insubstituível para os filhos, que hão de ser fruto do amor, da doação total e generosa dos pais.

O pai e a mãe deram-se um "sim" total diante de Deus, o qual constitui a base do sacramento que os une; do mesmo modo, para que a relação interna da família seja completa, é necessário que digam também um "sim" de aceitação aos seus filhos, aos que geraram ou adotaram e que têm a sua própria personalidade e caráter.

Os desafios da sociedade atual, marcada pela dispersão que acontece sobretudo no ambiente urbano, fazem necessário garantir que as famílias não estejam sós. Um pequeno núcleo familiar pode encontrar obstáculos difíceis de superar se acha-se isolado do resto dos seus parentes e amigos. Por isso, a comunidade eclesial tem a responsabilidade de oferecer acompanhamento, estímulo e alimento espiritual que fortaleçam a coesão familiar, sobretudo nas provações ou momentos críticos.

Cristo sempre revelou qual é a fonte suprema da vida para todos e, portanto, também para a família: "Este é o meu mandamento: que vos ameis uns aos outros como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos" (Jo 15, 12-13). Portanto, as famílias sejam chamadas a viver essa qualidade de amor, pois o Senhor é quem se faz garante de que isso é possível para nós através do amor humano, sensível, afetuoso e misericordioso como o de Cristo.

Junto com a transmissão da fé e do amor do Senhor, uma das maiores tarefas da família é a de formar pessoas livres e responsáveis. Por isso os pais devem ir desenvolvendo nos seus filhos a liberdade, da qual durante algum tempo são tutores. Se estes vêem que seus pais e em geral os adultos que os rodeiam vivem a vida com alegria e entusiasmo, apesar das dificuldades, crescerá neles mais facilmente esse prazer imenso de viver que os ajudará a superar certamente os possíveis obstáculos e contrariedades que a vida humana comporta. Ademais, quando a família não se fecha em si mesma, os filhos vão aprendendo que toda a pessoa é digna de ser amada, e que tem uma fraternidade fundamental universal entre todos os seres humanos.

"A família cristã é chamada Igreja doméstica porque manifesta e realiza a natureza comunitária e familiar da Igreja enquanto família de Deus. Cada membro, segundo seu próprio papel, exerce o sacerdócio batismal, contribuindo para fazer da família uma comunidade de graça e de oração, escola de virtudes humanas e cristãs e lugar do primeiro anúncio da fé aos filhos. Os pais, partícipes da paternidade divina, são os primeiros responsáveis da educação dos seus filhos e os primeiros anunciadores da fé. Têm o dever de amar e de respeitar os seus filhos como pessoas e como filhos de Deus" (Catecismo da Igreja Católica. Compêndio).

* A partir da Vigília de Oração do V Encontro Mundial das Famílias, Valência, 8 de Julho de 2006, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/july/documents/hf_ben-xvi_spe_20060708_incontro-festivo_po.html.

15. O sentido do sofrimento e do mal*

Baseando-se no exemplo de João Paulo II, o papa fala do sentido do sofrimento e do mal no mundo.

O Santo Padre, com as suas palavras e as suas obras, deu-nos grandes coisas; mas não menos importante é a lição que nos deu da cátedra do sofrimento e do silêncio. No seu último livro *"Memória e Identidade"*, deixou-nos uma interpretação do sofrimento que não é uma teoria teológica ou filosófica, mas um fruto amadurecido ao longo do seu caminho pessoal de sofrimento, por ele percorrido com a ajuda da fé no Senhor crucificado. Esta interpretação, que ele tinha elaborado na fé e que dava sentido ao seu sofrimento vivido em comunhão com o do Senhor, falava através da sua dor silenciosa, transformando-a numa grande mensagem. Tanto no início, como uma vez mais no final do mencionado livro, o Papa mostra-se profundamente sensibilizado pelo espetáculo do poder do mal que, no século recém-terminado, nos é concedido experimentar de modo dramático. Diz textualmente: "Não foi um mal de pequenas dimensões... Foi um mal de proporções gigantescas, um mal que se valeu das estruturas estatais para realizar uma obra nefasta, um mal edificado como sistema". O mal é porventura invencível? É a última verdadeira potência da história? Por causa da experiência do mal, para o Papa Wojtyła a questão da redenção tornou-se a interrogação essencial e central da sua vida e do seu pensar como cristão. Existe um limite contra o qual o poder do mal se infrange? Sim, existe, responde o Papa neste seu livro, como também na sua Encíclica sobre a redenção. O poder que põe um limite ao mal é a misericórdia divina. À violência, à ostentação do mal, opõe-se na história como "o totalmente outro" de Deus, como o próprio poder de Deus a misericórdia divina. O cordeiro é mais forte do que o dragão, poderíamos dizer com o Apocalipse.

No final do livro, na consideração retrospectiva do atentado de 13 de Maio de 1981 e também com base na experiência do seu caminho com Deus e com o mundo, João Paulo II aprofundou ulteriormente esta resposta. O limite do poder do mal, a potência que, em última análise, o derrota é assim ele nos diz o sofrimento de Deus, o sofrimento do Filho na Cruz: "O sofrimento de Deus crucificado não é apenas uma forma de sofrimento ao lado das demais... Cristo, sofrendo por todos nós, conferiu um novo sentido ao sofrimento, introduziu-o numa nova dimensão, numa nova ordem: a do amor... A paixão de Cristo na Cruz deu um sentido radicalmente novo ao sofrimento, transformou-o a partir de dentro... É o sofrimento que arde e consome o mal com a chama do amor... Cada sofrimento humano, cada dor, cada enfermidade encerra uma promessa de salvação... O mal... existe no mundo também para despertar em nós o amor, que é dom de si... a quem é visitado pelo sofrimento... Cristo é o Redentor do mundo: "Fomos curados pelas suas chagas" (*Is 53, 5*)" (pág. 198 ss.). Tudo isto não é simplesmente doura teologia, mas expressão de uma fé vivida e amadurecida no sofrimento. Certamente, nós devemos fazer tudo para atenuar o sofrimento e impedir a injustiça que provoca o sofrimento dos inocentes. Todavia, devemos também fazer tudo para que os homens possam descobrir o sentido do sofrimento, para serem assim capazes de aceitar o próprio sofrimento e de o unir ao sofrimento de Cristo. Deste modo, ele funde-se juntamente com o amor redentor e, por conseguinte, torna-se uma força contra o mal do mundo. A resposta que o mundo inteiro deu à morte do Papa foi uma impressionante manifestação de reconhecimento pelo fato de que ele, no seu ministério, se ofereceu totalmente a Deus pelo mundo; um agradecimento pelo fato de que ele, num mundo repleto de ódio e de violência, nos ensinou novamente o amar e o sofrer ao serviço dos outros; mostrou-nos, por assim dizer, ao vivo o Redentor, a redenção, e deu-nos a certeza de que, de fato, o mal não tem a última palavra no mundo.

* A partir do discurso para apresentação dos votos de Feliz Natal à Cúria Romana em 2005, http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2005/december/documents/hf_ben_xvi_spe_20051222_roman-curia_po.html.